



SEÇÃO LIVRE

Presença espanhola na cidade da borracha: Manaus, 1901-1922

Spanish presence in the city of rubber: Manaus, 1901-1922

Presencia española en ciudad del caucho: Manaus, 1901-1922

Maria Luiza Ugarte

Pinheiro¹

orcid.org/0000-0002-9994-1921

malu@ufam.edu.br

Recebido em: 19/09/2019.

Aprovado em: 29/07/2021.

Publicado em: 31/08/2021.

Resumo: Pretendemos explorar neste artigo a presença espanhola no Amazonas a partir, principalmente, dos periódicos produzidos por essa comunidade na cidade de Manaus, tentando perceber as dimensões de sua diversidade étnica, as ações e as atividades que empreenderam na cidade e que estruturaram o processo de integração e de assimilação deles no interior da sociedade amazonense.

Palavras-chave: Imigrantes. Espanhóis. Manaus. Imprensa étnica.

Abstract: We intend to explore in this article the Spanish presence in the Amazon from, mainly, from the journals produced by this community in the city of Manaus, trying to understand the dimensions of its ethnic diversity, the actions and activities they undertook in the city and that structured the process of integration and assimilation of them within the Amazonian society.

Keywords: Immigrants. Spanish. Manaus. Ethnic pres.

Resumen: Tenemos la intención de explorar en este artículo la presencia española en la Amazonia de, principalmente, las revistas producidas por esta comunidad en la ciudad de Manaus, tratando de comprender las dimensiones de su diversidad étnica, las acciones y actividades que emprendieron en la ciudad y que estructuraron el proceso de integración y asimilación de ellos dentro de la sociedad amazónica.

Palabras clave: Inmigrantes. Español. Manaus. Prensa étnica.

Introdução

A história de Manaus foi, desde cedo, marcada pela presença de populações deslocadas que, oriundas do estrangeiro e de outras regiões do Brasil, acabaram encontrando, na cidade, um espaço de sobrevivência, acolhimento e, também, de reconstrução identitária advinda do imperativo da assimilação à nova ambiência social e cultural. Neste artigo, falamos de uma parcela destes imigrantes – os espanhóis – que se deslocaram para o Amazonas durante a fase de expansão da economia gomífera e que acabaram por se concentrar de forma mais sistemática na cidade de Manaus, capital do Estado, um dos mais importantes entrepostos comerciais da borracha naquele momento.

Desta forma, partindo da análise dos periódicos publicados por membros da comunidade espanhola em Manaus, analisamos neste artigo os dilemas enfrentados por aqueles estrangeiros no Norte do país e,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Amazonas, Brasil. O artigo contou com apoio do CNPq, por meio de bolsa Produtividade em Pesquisa.

mais especificamente, na capital amazonense. Buscamos perceber as estratégias por eles desenvolvidas no sentido de melhor se integrar na comunidade amazonense e, com elas, interagir durante o período de vigência da economia de exportação da borracha. Os jornais que compunham essa imprensa étnica no Amazonas foram produzidos entre os anos de 1901 e 1922 e veiculavam um conjunto bastante amplo e diversificado de informações que iam desde acontecimentos políticos do cenário de sua terra natal e de outros países do continente europeu, até o debate que se voltava mais diretamente para as questões e desafios que se colocavam para os espanhóis em terra estrangeira; despontando-se, neste particular, as experiências recém vivenciadas no âmbito regional amazônico e, principalmente, em Manaus.

Trata-se, portanto, de investigar uma dimensão ainda pouco explorada na historiografia local, voltando o olhar para as complexas dimensões e interações que certos grupos étnicos – no caso, os espanhóis – produziram e experienciaram em solo amazonense. Isso significa dizer que nos interessa tanto compreender a lógica por trás dos deslocamentos dos espanhóis em direção à Amazônia e à Manaus, como também identificar atividades e ações por eles empreendidas na cidade para, assim, analisar as dinâmicas e os dilemas do processo de assimilação dos espanhóis no interior da sociedade amazonense. Procuramos, por fim, dimensionar sua importância no contexto sociocultural do Estado.

Braços para a borracha e a imigração estrangeira

Onde quer que tenha ocorrido, a história dos processos migratórios é sempre e invariavelmente o resultado de processos que se cruzam e se articulam, a partir de dimensões distintas – econômicas, sociais e políticas –, tanto nos contextos de repulsão e origem quanto nos de acolhimento

e destino. Na Amazônia, não tem sido diferente. Os mais importantes processos migratórios que, ao longo da história, alcançaram como espaço de destino, seja durante o período da chamada *Batalha da Borracha*,² seja mais recentemente no momento de implantação dos “grandes projetos desenvolvimentistas”,³ têm demonstrado essa estreita articulação. Seja como for, foi no período compreendido entre as duas décadas finais do século XIX e primeira do século XX que se configurou, para o Amazonas, um momento singular no que diz respeito à atração de contingentes populacionais, fossem nacionais ou estrangeiros.

A motivação central dessa arrancada foi, seguramente, a crescente acolhida da borracha amazônica no mercado mundial, quando então o produto passou a ser assimilado como matéria-prima estratégica para o desenvolvimento da indústria capitalista em expansão. Diante da crescente demanda por borracha, coube às elites econômicas e políticas locais, não apenas promover a montagem da infraestrutura básica que garantisse o acesso das indústrias ao produto extrativo, como também enfrentar os gargalos que se interpunham no processo produtivo, dentre os quais despontava a “superação da escassez de mão-de-obra” (SANTOS, 1980, p. 87-118).⁴

Tanto empreendimentos privados quanto as administrações provinciais – e, após 1889, estaduais – empenharam-se em responder à essa demanda pondo em prática um conjunto de medidas de atração de potenciais extratores para o produto regional. Partilhando do debate nacional que, em relação com a perceptível crise do escravismo brasileiro, colocava em discussão o tema da imigração estrangeira, apontando-a como a melhor forma de se substituir o braço escravo, as elites amazonenses empreenderam um forte propagandismo tanto no Nordeste brasileiro quanto na Europa Ocidental. Como resultado direto dessas ações, estabeleceu-se uma nova

² Associado a um segundo surto expansionista da economia gomífera, teve seu apogeu entre os anos de 1939 a 1943 (SECRETO, 2007; LIMA, 2014).

³ Tradicionalmente identificado com o período que vai do início dos governos militares (1964) até o final dos anos 1970 (HEBETE, 1991; IANNI, 1979).

⁴ Em que pese a pobreza analítica da obra *A Grande Crise (1908-1916)*, de Antônio Loureiro (1986), os dados trabalhados pelo autor contribuem para uma melhor visualização dessa questão no contexto amazonense.

configuração no contexto regional, marcado pela entrada de levadas sucessivas de imigrantes nacionais e estrangeiros que logo cedo começaram a estabelecer uma segmentação espacial. Como expôs Maria Luiza Ugarte Pinheiro,

O processo foi complexo e se desenvolveu em várias frentes e direções. Para os trabalhos na extração do látex, espalhados pelo vasto sertão amazônico, foram mobilizados os nordestinos, vindos prioritariamente dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Maranhão; enquanto para a estrutura gerencial, para os serviços urbanos, e para o comércio, foram atraídos tanto trabalhadores nacionais quanto imigrantes estrangeiros (PINHEIRO, 2017, p. 184).

Desta forma, cearenses, maranhenses, portugueses, ingleses, italianos, espanhóis, sírios, libaneses, entre outros, modificaram a paisagem rural e urbana amazônica. Voltando os olhos para sua capital, que acabou concentrando a imensa maioria dos estrangeiros que chegavam ao Estado, Hermenegildo de Campos, renomado médico-sanitarista da época, informou, em 1907, que a população de Manaus era calculada em 60 mil habitantes, sendo pelo menos 10 mil estrangeiros e, dentre estes, os portugueses formavam a maior colônia, vindo "em segundo lugar a dos espanhóis, avaliada em 1.400 a 1.500" pessoas (CAMPOS, 1988, p. 101).

Com efeito, as oportunidades de trabalho e renda abertas por economias em expansão, não apenas na Amazônia, mas também no Brasil e na América Latina, foram percebidas e oportunizadas pelos países europeus, muitos dos quais empenhados em exportar seus "excedentes populacionais". Como mencionou Hobsbawm, se é certo que, na Europa, havia desassossego pela falta de trabalho, é certo também que havia esperanças em uma vida diferenciada além-mar (HOBSBAWM, 2011, p. 181-190).⁵

Neste contexto de transformações modernizadoras que se abria na Amazônia, a política governamental de incentivo à imigração estrangeira buscou responder não apenas à falta crônica de

mão de obra especializada e necessária aos empreendimentos urbanos, mas, também, fortalecer posturas ancoradas nas ideias eugênicas que estavam em voga no País (MAIO; SANTOS, 1996) e que haviam penetrado no imaginário das elites dirigentes amazonenses como uma possibilidade de "melhorar a qualidade" da população.⁶

Defendendo o patrocínio da imigração ibérica, Augusto Ximeno Villeroy, importante liderança política amazônica do período, acreditava que ela garantiria, para a região, a presença de trabalhadores com níveis educacionais elevados e com maior qualificação técnica, pois o extrativismo e, em especial, a comercialização da borracha, necessitavam da incorporação de quadros técnicos capazes de atuar nas atividades de financiamento, transporte, comercialização e, até mesmo, no aperfeiçoamento do produto e da produção. Não foi, todavia, o que ocorreu, já que a imensa maioria do contingente populacional estrangeiro que se deslocou para o Amazonas apresentava padrões de qualificação técnica e educacional bem abaixo daqueles desejados. Não pode haver dúvidas, por exemplo, que a imensa maioria dos espanhóis deslocados para o Amazonas espelhasse o quadro educacional mais geral existente na própria Espanha, onde nada menos que 63% da população era constituída por analfabetos em fins do século XIX (PHILLIPS JUNIOR; PHILLIPS, 2015, p. 239).

Essa foi, inclusive, uma das principais barreiras que os imigrantes tiveram que transpor em terras estrangeiras, já que a mudança radical de vida intrínseca ao processo de imigrar, gerando distanciamentos e saudades, fazia com que os migrantes buscassem superar as barreiras do analfabetismo, para continuar mantendo contato com parentes e amigos em seus países de origem. É nesse sentido, sobretudo, que a escrita epistolar se tornou ferramenta fundamental de comunicação no interior dos deslocamentos:

⁵ A Imprensa amazônica acompanhava essa situação, destacando os distúrbios frequentes gerados pela ausência de empregos no velho continente. Assim, em 1909, um jornal local chegou, por exemplo, a anunciar que em Madri, "em Monte Plano, 200 operários que se acham sem trabalho, promoveram sérios conflitos, o que motivou a intervenção da polícia" (OS OPERÁRIOS..., 1909, p.1).

⁶ Respondendo a concurso patrocinado pela Associação Comercial do Amazonas acerca de "como se deve povoar o vale do Amazonas", Augusto Ximeno Villeroy apresentou o estudo vencedor que, ancorando-se em preceitos raciais e históricos, defendia a ação, pública e privada, no sentido do incremento da imigração de origem ibérica (VILLEROY, 1911).

As experiências históricas dos deslocamentos ampliaram as distâncias entre as pessoas, dilatando a sensação de ausência, suscitando sentimentos de saudade que geraram a necessidade de comunicação e os esforços de aproximação. Nesse contexto, a escrita de cartas se expandiu, incorporando os populares, o que configurou desafio para uma massa pouco letrada que, com grande esforço, procurava manter vínculos. Assim a prática epistolar se disseminou, democratizando a escritura e assumindo papel de destaque como elemento de estímulo à difusão e à consolidação da leitura/escritura entre os e/immigrantes, que foram levados a produzir documentos invocadores nesse processo (TRUZZI; MATOS, 2015, p. 258).

A comunidade espanhola no Amazonas

As primeiras referências sobre a imigração espanhola para o conjunto da Amazônia estão relacionadas ao último quartel do século XIX, quando o governo do Pará passou a incentivar a vinda de estrangeiros, tanto para a dinamização da colonização agrícola em áreas consideradas despovoadas quanto para os trabalhos da construção da estrada de ferro de Bragança (MARTÍNEZ, 2005). Com relação ao Amazonas, as primeiras referências ligam-se mais pontualmente à participação de espanhóis na construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré, no sul do Estado, território que se tornaria, posteriormente, Rondônia. De acordo com Roberto Santos, espanhóis, antilhanos e barbadianos formavam as nacionalidades predominantes naquele empreendimento, seguidos por portugueses, gregos, italianos e franceses (SANTOS, 1980, p. 95).

A Madeira-Mamoré foi um empreendimento que mobilizou um contingente elevado de trabalhadores,⁷ tendo sua construção sido marcada por problemas e conflitos diversos, que iam do transporte e da colocação dos trilhos em espaços adversos e insalubres até a frequente interrupção das obras por força das intempéries do clima regional. Dramática foi, também, a forma autoritária com que os trabalhadores foram agenciados e utilizados nos espaços de trabalho, vivenciando

ali o enfrentamento cotidiano de doenças e de epidemias características dos trópicos.

Os diários de Manaus deram conta dessas situações, chamando particular atenção a reportagem feita em 1908 pelo *Jornal do Comércio*, daquela cidade, referente ao drama vivenciado por 300 espanhóis que, embarcados em Cuba, no vapor norueguês Amanda, tinham por destino os trabalhos da ferrovia no rio Madeira. Aportando o Amanda em Belém, para manutenção, alguns passageiros, tomados por desespero e arrependimento, lançaram-se ao mar (mesmo sem saber nadar), sendo recolhidos e salvos por embarcações que estavam nas proximidades. Vindo à público pela imprensa, o caso provocou estrondoso conflito entre os consulados dos Estados Unidos e da Espanha com o governo brasileiro. Uma vez em terra, os trabalhadores denunciaram os maus tratos sofridos durante a viagem, informando terem sido "iludidos na sua boa-fé" (PINHEIRO, 2017, p. 170).⁸

Embora essa imigração não seja expressiva em termos quantitativos, se comparada com a ocorrida em estados como São Paulo, os espanhóis que vieram para o Amazonas imprimiram suas marcas na cidade, fosse com a criação de associações e jornais, fosse com a introdução de novos hábitos culturais. O grosso dessa imigração era constituído pelo gênero masculino, mas também houve deslocamento de famílias e mesmo de mulheres solteiras. O sanitarista Hermenegildo de Campos informou que a presença de espanhóis na cidade de Manaus não ultrapassava a marca de 1.400-1.500 pessoas na década inicial do século XX; e que, pelo menos, 12% da comunidade espanhola na capital amazonense era constituída por mulheres, sendo elas bem mais escassas no interior do Estado (CAMPOS, 1988, p. 25; p. 101).

Em Manaus, homens e mulheres de origem espanhola assumiram atividades diversas, que iam de ocupação no comércio local ao serviço nas repartições públicas, trabalhando como amanuenses,

⁷ Segundo Francisco Foot Hardman, foram arrematados, no segundo momento de construção da ferrovia, entre os anos de 1907 e 1912, cerca de 21.817 trabalhadores de cinquenta nacionalidades diferentes, isto sem contar os que vinham por conta própria (HARDMAN, 1988, p. 139). Segundo o autor, a Madeira-Mamoré se configurava como "o espetáculo privilegiado da civilização capitalista" (1988, p. 15).

⁸ Estudos acerca das viagens de deslocamentos dos imigrantes estrangeiros para o Amazonas ainda são muito poucos, sendo um deles o de Leno Barata Souza (2018).

caixeiros, vendedores ambulantes e carregadores do porto. Como empresários, abriram pequenos – e alguns poucos grandes – empreendimentos, como firmas aviadoras e de cigarros, mercearias, padarias, hotéis, livrarias, ateliê de fotografia, ourivesarias, sapatarias, casas de secos e molhados, lavanderias, armarinhos e lojas de ferragens. Os espanhóis também estiveram presentes no universo mais amplo e árduo do trabalho das fábricas e oficinas, no comércio formal e informal e nas empresas concessionárias dos serviços públicos.

Não se pode olvidar, o papel representado por famílias e empresários que atuaram na Amazônia, no princípio do século, e durante o ciclo da borracha... Os espanhóis e seus descendentes, tanto os de Belém quanto os de Manaus, ou do interior, tiveram um bom desempenho, direta ou indiretamente, através de seus descendentes bolivianos, peruanos e colombianos, durante esse ciclo nas praças de Iquitos, Leticia, Guajará-Mirim e Cobija, que foram naquela época, importantes empórios e portos fluviais de exportação de borracha. Muitas dessas empresas também operam em Manaus e a Revista da Associação Comercial mencionou, pelo menos, cinco nomes de recebedores e aviadores de borracha de ascendência espanhola: Suarez, Hermanos % Cia., J. C. Araña & Hermanos, M. Corbacho & Cia., C. M. Assensi & Cia. (BENCHIMOL, 1999, p. 98-99).

Embora saibamos que muitos espanhóis tenham vindo de zonas rurais com baixa incidência industrial,⁹ alguns trouxeram experiências de contatos anteriores com as lutas populares e com a causa operária, agregando, desta forma, sensível valor aos movimentos sociais amazonenses e às lutas por direitos e melhorias nas condições de vida e de trabalho. Exemplar neste sentido, foi a atuação do líder socialista Joaquim Azpilicueta, artista gráfico, natural da cidade de Pamplona, em Navarra – região do norte da Espanha fronteira ao “país Basco” –, e que teve grande ascendência

junto ao operariado amazonense e à comunidade espanhola entre 1905 e meados da década de 1920.

Embora alguns espanhóis, como Azpilicueta, tenham chegado à Manaus com alguma especialização, domínio de um ofício e algum dinheiro, a grande maioria dos imigrantes oriundos daquele país aportou na capital amazonense no início do século XX com pouco ou nenhum recurso financeiro e, portanto, tendo que vincular-se a ofícios de baixa qualificação e remuneração, o que frequentemente resultava em processos de desqualificação que, muitas vezes, impunha-lhes problemas de toda ordem.¹⁰

Por sua vez, a condição social das mulheres espanholas na cidade não parecia ser melhor que a dos homens, já que elas foram tradicionalmente mencionadas na imprensa amazonense como vinculadas à tríade pontuada pelo trabalho doméstico e informal ou pelo comércio do corpo. No primeiro caso, apareciam como amas de leite, camareiras, copeiras, cozinheiras e lavadeiras, sendo empregadas tanto por famílias de maior posse, quanto por hotéis, pensões e restaurantes. No trabalho informal, as espanholas atuavam como cozinheiras, costureiras, bordadeiras – profissão abraçada por Gregória Ortega Azpilicueta, esposa de Joaquim Azpilicueta – e, sobretudo, como vendedoras de doces e guloseimas, quase que invariavelmente fruto de sua produção doméstica. Por fim, são comuns também, na documentação, as informações sobre mulheres espanholas lançadas ao submundo da prostituição e do comércio do corpo. Sobre elas, a crônica jornalística do período quase sempre abordava o tema de maneira jocosa e preconceituosa.¹¹

Como tendia a acontecer com os emigrados, os espanhóis que chegaram à Manaus, no raiar

⁹ Benchimol afirma que “grande parte desses imigrantes espanhóis provinha da província da Galícia, região superpovoada do noroeste da Espanha, ao norte de Portugal (BENCHIMOL, 1999, p. 98).

¹⁰ Exemplos dessa desqualificação e preconceito pululam pela crônica jornalística cotidiana, como o caso do lixeiro Francisco Canari, chicoteado por um fiscal durante uma greve de sua categoria: “À hora de começar o serviço, estando reunidos muitos trabalhadores ao pé do Teatro Julieta, o fiscal geral Andrade, avistando um velho espanhol de nome Francisco Canari, atirou-o ao chão e chicoteou-o, fazendo-o depois conduzir preso por duas praças à repartição policial da rua Deodoro. Ali foi vê-lo no nosso repórter, que teve a confirmação da brutalidade praticada” (A GREVE..., 1908, p. 1).

¹¹ “*Hespanhola Valiente*: A Trindade é uma valiente, espanhola de nascimento e de raça. Esta fredegunda é dona de um conventilho, situada à rua 10 de Julho, esquina da avenida Eduardo Ribeiro, onde hospeda e explora diversas ratazanas. Ontem a Trindade, estando de candeia virada, entendeu que devia pagar o pato uma sua inquietina, a francesa de nome Andrea. A França e a Espanha travaram-se em luta ... encançada, e ainda estariam atacadadas a estas horas, se o criado da casa não se metesse no embrulho e as separasse. Trindade deu tão forte pancada na testa de Andrea, que o melado espirrou, mas ainda não satisfeita, ferrou-lhe os dentes na orelha direita” (HESPANHOLA... 1908, p. 1).

do século XX, encontraram um ambiente hostil, não apenas porque diferenciado de seu país de origem em termos geográficos, mas, também e principalmente, por ser social e culturalmente estranho, o que os impunha tanto o aprendizado da língua quanto o dos costumes e valores locais. Acrescenta-se a tudo isso, o medo e a incerteza de não se conseguir um trabalho e um abrigo, pois nem todos vinham com garantias ou mesmo com promessas de emprego. Como consequência direta desse estranhamento, as páginas dos diários amazonenses frequentemente divulgavam e denunciavam conflitos ocorridos entre membros da colônia espanhola com os locais ou com integrantes de outras comunidades estrangeiras existentes na cidade, para não falar dos que ocorriam entre os próprios espanhóis. Seja como for, o sentimento geral desses imigrantes parece ter sido permeado de preocupações, inseguranças e incertezas.

Foi exatamente essa configuração problemática e até certo ponto desfavorável que impulsionou a comunidade espanhola em Manaus a buscar, em um primeiro momento, caminhos que pudessem estreitar os laços de afinidade que os ajudassem a fortalecer sua unidade interna. Desse processo de organização, surgiram tanto as primeiras agremiações e associações diaspóricas quanto os jornais que passaram a constituir uma imprensa comunitária importante que, atuando como verdadeiras redes sociais,¹² propiciava o diálogo, orientava a ação coletiva e fortalecia identidades étnicas no interior da comunidade.

Ao discutir a constituição de redes sociais em processos migratórios, Oswaldo Truzzi lançou mão da noção mais específica de *redes migratórias*, tal como havia sido definida por Douglas Massey, ou seja, como "complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade" (TRUZZI, 2008, p. 203).

Desta forma, é possível argumentar que, assim como o imigrante individual, tanto os jornais

quanto as associações criadas pelos espanhóis no Amazonas desempenharam um papel fundamental, buscando manter vívidos os laços identitários internos, assim como os da colônia com seu país de origem, construindo redes de intercâmbio e solidariedade que muito contribuíram para a resolução de seus problemas comuns. Além do mais, na imprensa, a troca de informação por meio de correspondências foi sempre constante e eficaz, fazendo circular rapidamente notícias e opiniões oriundas dos mais variados espaços. Um bom exemplo dessa circulação e interação pode ser visto em um dos periódicos espanhóis editados em Manaus, no momento em que informava os jornais, nacionais e estrangeiros, que eram regularmente recebidos em sua redação:

Diarios – Hemos recibido los siguientes periódicos: El Herald, El Imparcial, El País, Los Sucesos, A. B. C., El Noroeste, El Liberal de Madrid, El Faro de Vigo, El Miño (de Orense), A Brasileira (de Lisboa), O jornal, O Sol (Pará), El Oriente, Loreto Comercial y D. Quijote, de Iquitos. A todos les damos las más expresivas gracias devolviéndoles el cambio (DIÁRIOS, 1907, p. 1).

A via era, obviamente, de mão dupla e, dessa forma, os jornais produzidos na colônia espanhola de Manaus eram também acessados e consumidos em outros Estados do país e do outro lado do Atlântico, articulando, desta forma, as duas pontas do circuito migratório e mostrando-se, inclusive, capaz de interferir. Assim, fazendo o necessário contraponto ao propagandismo que difundia pelo mundo, a crença no surgimento de um novo *Eldorado* incrustado em meio aos seringais da selva amazônica, foi comum que a imprensa espanhola amazonense desde cedo externasse queixas relacionadas à carestia e à falta de emprego, à alimentação cara e escassa, à recorrência de enfermidades e epidemias, além de produzir denúncias sobre desmandos praticados pelo patronato na cidade e do Estado aos seus patricios.

Assim ocorreu, em 1921, já em plena crise da economia de exportação da borracha, quando o periódico *El Hispano-Amazonense* deu ciência à

¹² Por *rede social*, entendemos, como propõe P. F. Kelly, "agrupamentos de indivíduos que mantêm contatos recorrentes entre si, por meio de laços ocupacionais, familiares, culturais ou afetivos. Além disso, são formações complexas que canalizam, filtram e interpretam informações, articulando significados, alocando recursos e controlando comportamentos" (apud TRUZZI, 2008, p. 203).

comunidade da queixa que enviou à S. M. Don Alfonso XIII e ao Ministro Plenipotenciário da Espanha no Rio de Janeiro, dando conta da crise que grassava no Amazonas e denunciando a completa falta de oportunidades de trabalho que atingia “no solo los españoles, como todos los extranjeros y nacionales”. Assinado por mais de cem espanhóis, o documento foi também entregue “por la comisión al Sr. Dr. Carlos Miguel Asensi, Vice-cónsul de España el Amazonas”. Nele, os signatários solicitavam ajuda para retornar à terra natal:

Los españoles domiciliados en el Estado del Amazonas, muy respetosamente exponen:

Que debido á la critica situación industrial, y comercial y financiera de este Estado, motivo por el cual existe una absoluta carencia de trabajo, encontrandose la mayor parte falta de recursos, necessitando y anhelando regresar á sus hogares.

Por tanto apelan á su magnánimo corazón, como último recurso para que les sean facilitados los medios de transporte á su amada España (EXPOSICIONES, 1921, p. 1).¹³

Quanto às associações de estrangeiros surgidas em Manaus, datam do final do século XIX,¹⁴ cabendo aos portugueses o pioneirismo, que, em 1893, tomaram a iniciativa da fundação da *Sociedade Beneficente Portuguesa do Amazonas*, entidade responsável pela criação de um dos mais importantes hospitais de acolhimento de enfermos e de tratamento de saúde na capital amazonense.¹⁵ As associações espanholas surgiram no Amazonas pouco depois das portuguesas, nos primeiros anos do século XX, como foi o caso do *Centro Español*, de 1902, que se definia como uma “*sociedad de socorros, instrucción y recreo*”. Outras instituições espanholas com esse perfil surgiram na cidade até meados da década de 1920, embora a maioria acabasse tendo uma duração efêmera, associada

às dinâmicas conjunturais bastante específicas. De 1905, é a *Sociedad Unión Española*, assim como a *Sociedade Espanhola de Beneficência Cervantes*; de 1908, data a *Sociedade Espanhola Beneficente*; enquanto a *Sociedad Española de Socorros Mutuos*, fundada em 1916, foi a mais longeva, mantendo-se ativa até o ano de 1966.

Em 1914, associando-se a uma conjuntura de ascensão do movimento operário amazonense, surgiu, em Manaus, o *Centro Socialista de Espanhóis*, proposta que, ancorada por mais de duzentos trabalhadores daquele país, encontrou também vigorosa oposição (VÁRIAS, 1914, p. 2). De um lado, rompendo com as perspectivas hegemônicas da beneficência entre os trabalhadores amazonenses, a proposta do *Centro* fazia avançar o processo associativo em direção às perspectivas da luta revolucionária. De outro, a proposta partia de uma incômoda segmentação dos trabalhadores por nacionalidade, fazendo com que muitos operários, como Joaquim Azpilicueta, se mostrassem frontalmente contrários a ela, ancorando-se na ideia do internacionalismo da causa operária.¹⁶

A ideia subjacente ao associativismo dos imigrantes era, sobretudo, a do fortalecimento do processo organizativo e de suas lutas por direitos e garantias, por intermédio da formalização de instituições que fossem capazes de levar à cabo uma interlocução direta com a sociedade e suas instâncias políticas decisórias. Assim, para além da organização de subscrições e da arrecadação de recursos destinadas a benemerências, as associações acabaram também por formular e dinamizar ações políticas, atuando por meio de denúncias, queixas, protestos e solicitações que se faziam dirigir regularmente às autoridades públicas, em especial, quando as instâncias formais de representação dos interesses da comunidade (embaixada ou consulado) se

¹³ O periódico intitulava-se *Organo de la colônia española en el Amazonas* e seu primeiro número saiu em 2 de maio de 1818, finalizando suas atividades em 30 de setembro de 1922. Seu diretor-proprietário era Julio Minuesa Merchan, que atuara na imprensa espanhola amazonense desde o início do século XX.

¹⁴ Migrantes nacionais também usaram a estratégia associativa na capital amazonense, sendo possível acessar informações nos acervos locais sobre, por exemplo, o associativismo de paraenses, cearenses, maranhenses e pernambucanos. Em 1893, surgiu em Manaus a maranhense “Sociedade Beneficente Gonçalves Dias”; quatro anos depois, em 1897, a Sociedade Beneficente Cearense obteve a aprovação dos seus estatutos e começou a funcionar, patrocinando jornais da comunidade tanto na capital (*Pátria*) –, quanto no interior do Estado (*O Rio Purus*) (FREIRE, 1990, p. 163, 189).

¹⁵ Segundo seus estatutos era uma instituição com fins caritativos e tinha como meta atender além dos seus próprios associados, qualquer pessoa, independente de nacionalidade (A CARIDADE, 1893).

¹⁶ A eclosão da Grande Guerra exacerbou as perspectivas nacionalistas, ao mesmo tempo que agravou a condição dos imigrantes, posto desde logo em suspeição.

mostravam omissas ou ineficazes.¹⁷

Para os espanhóis radicados no Amazonas, a necessidade de uma associação que estruturasse essas ações foi colocada desde os primeiros dias do século XX, como atesta uma convocação veiculada por um dos jornais daquela colônia em Manaus:

Existen en Manaus diversas sociedades cada cual perteneciente à su nación; la única que hasta hoy no se ha hecho notar, vivicado en la obscuridad ha sido la española; es tiempo de que esta humilde, se haga reproscetar y diga en voz bien alta: España no ha muerto. España vive! La prueba aquí la tenerla en esta bandera que abrazamos; ella representa la Patria y nosotros sus hijos defensores, aunque que en lojanas tierras no dejamos de ... [ilegível] su nombre'.

Unámonos, pues, compatriotas, procuremos estrecharnos con lazos irrompibles y consigamos per este medio patentizar que la pequeña colonia española del Amazonas jamás olvida el cariño de la Patria ni tampoco decae so patriotismo en países tan lojanos.

¡Adelante compatriotas!

¡La unión hace la fuerza!

¡Viva España!

¡Viva la colonia española de Amazonas!
(UNÁMONOS, 1901, p. 1).

Como se percebe, em paralelo ao processo associativo e a ele intimamente ligado, estavam os empreendimentos jornalísticos, identificados pelas lideranças estrangeiras como estratégicos para o sucesso de toda e qualquer ação demandada oriunda da comunidade espanhola na cidade. Com efeito, desde que os primeiros vapores trazendo imigrantes estrangeiros aportaram em Manaus, surgiu, na cidade, uma imprensa produzida *por e para* eles.¹⁸

Imprensa e vida urbana

Antes de avançar para o tema do periodismo espanhol no Amazonas, convém mencionar, mes-

mo que de forma ligeira, a trajetória mais ampla da imprensa naquele Estado, para destacar, como fez Maria Luiza Ugarte Pinheiro (2015), suas fases e características específicas. Pinheiro argumenta que o surgimento da imprensa no Amazonas foi tardio se comparado a outros contextos nacionais, como Rio de Janeiro, São Paulo ou mesmo o Pará, e nasceu sob a égide da oficialidade, relacionando-se, portanto, com a criação da Província do Amazonas em meados do século XIX (PINHEIRO, 2015, p. 58-59). Naquele momento, foi trazida e montada a primeira oficina tipográfica em Manaus, como decorrência da contratação do tipógrafo paraense Manoel da Silva Ramos. Por seu intermédio, publicou-se *O Cinco de Setembro*,¹⁹ que veio a ser o primeiro entre os mais de trezentos periódicos que surgiram ali até a virada para o século XX (FARIA E SOUZA; SOUZA; BAHIA, 1908, p. 19, 57).

Com o passar dos anos, sofrendo o impacto positivo dos recursos advindos da economia de exportação da borracha após 1880, a imprensa amazonense demonstrou amadurecimento e capacidade de maior penetração no interior da sociedade, que ia, pouco a pouco, elevando os níveis de letramento e escolaridade e, com eles, ampliando também os circuitos da cultura letrada, ávida consumidora dos impressos.²⁰

Esse novo momento que se abriu para a imprensa amazonense coincidiu com a nova conjuntura econômica que se descortinou para a região Norte do país, onde cidades como Manaus e Belém tiveram suas feições sensivelmente modificadas pela expansão da produção extrativa da goma elástica e de sua comercialização em uma escala planetária. Assumindo o papel de entreposto comercial, ambas as cidades dinamizaram transformações voltadas para a exportação do produto, enquanto oportunizavam

¹⁷ Protestos relacionados à violência contra espanhóis praticada por agentes policiais da cidade, por exemplo, foram corriqueiros, exaltando os ânimos da colônia que, desta forma, exigia providências e reparações. Num desses protestos, em 1901, os espanhóis queixavam-se não apenas das práticas policiais, mas também e, sobretudo, da ausência de instituições eficazes para a defesa de seus direitos, denunciando a inércia e omissão do vice-cônsul espanhol em Manaus (NUESTRA..., 1901, p. 1).

¹⁸ Entende-se por imprensa de imigrantes, aquela que, escrita em língua materna, ou não, é produzida por grupos étnicos diferenciados oriundos de um processo migratório e cuja fala prioritária se dirige para esse grupo.

¹⁹ O jornal veio à luz em 3 de maio de 1851 e, de modo geral, publicava os atos administrativos do governo e algumas poucas notícias sobre a cidade, o Brasil e exterior. Trazia muitos conteúdos extraídos de jornais de outros estados e, em regra, seus discursos assumiam um tom conciliador e apologético (FREIRE, 1990, p. 57).

²⁰ Esta não foi, todavia, uma mudança estrutural. Desta forma, em que pese sua dimensão transformadora, seu alcance manteve-se limitado a segmentos minoritários da população, razão pela qual práticas de *leituras coletivas* tornaram-se mecanismos comuns e eficazes para a disseminação de conteúdos impressos, em especial os que eram trazidos cotidianamente pelos jornais.

os investimentos do capital internacional e o aumento estratosférico das rendas do Estado, para bancar medidas de grande porte na urbanização modernizadora das principais cidades da região.

Com o capital oriundo da borracha, promoveu-se um maior investimento estatal em instituições voltadas à educação e à difusão de hábitos culturais pautados pela lógica do processo civilizatório europeu, tomado como modelar. Fizeram parte deste investimento: a abertura de diversas escolas de ensino primário espalhadas pelo interior da Província, enquanto, na capital, foram abertos liceus e escolas secundárias, além de uma imponente biblioteca pública, e de centros de entretenimentos culturais marcados pela sofisticação estética, destinados ao refinamento cultural das elites locais, como o Teatro Amazonas (PINHEIRO, 2015, p. 122).

Ponto alto deste processo, a criação da Escola Universitária Livre de Manaus, em 1909, primeira experiência universitária em todo o país, congregou uma plêiade de cientistas e intelectuais locais e estrangeiros, muitos dos quais com formação acadêmica de ponta, alcançada nas universidades europeias, sobretudo, parisienses e portuguesas (PINHEIRO, 2015, p. 124-162). Como destacou um importante historiador norte americano:

Manaus, para seu tamanho, possuía uma audiência literária fora do comum. A cidade mantinha dois bons jornais diários, o *Jornal do Comércio* e o *Diário do Amazonas*, bem como pelo menos mais uma dúzia de periódicos diferentes. As duas maiores livrarias ofereciam as últimas publicações brasileiras e jornais, revistas e livros estrangeiros... O grande interesse por jornais e livros tanto estrangeiros quanto nacionais pode ser explicado parcialmente pela elevada percentagem de empresários estrangeiros na comunidade, mas a melhor explicação reside no fato de que Manaus possuía um sistema educacional excepcionalmente bem desenvolvido. Realmente, a maior soma sob uma única rubrica do orçamento estadual de 1910 destinava-se à educação. E a maior parte dessa verba permanecia em Manaus (BURNS, 1966, p. 17-18).

Os recursos da borracha propiciaram também investimentos importantes, públicos e privados, no ambiente das prensas e das oficinas tipográficas, impactando o volume e a frequência da produção periódica local, demandada pelo

aumento e consolidação de um público leitor mais exigente e ávido pelas novidades cotidianas que os jornais pudessem trazer. Assim, a imprensa produzida no Amazonas, a partir de 1880, caracterizou-se pelo aparecimento de um volume grande e diversificado de jornais, parte dos quais já orientados pelos importantes avanços tecnológicos ocorridos no processo de composição e editoração gráfica – como a linotipo –, que exigia recursos elevados e trabalhadores especializados e, em contrapartida, permitia a impressão de jornais em larga escala, barateando os custos da produção, assim como ocorreu para outras áreas do país (SODRÉ, 1999; LUCA, 2006; BARBOSA, 2007; ELEUTÉRIO, 2008).

As inovações no processo tipográfico eram, de fato, contínuas e, invariavelmente, destacadas pelos jornais da cidade:

As nossas máquinas do *Linotipo* foram ontem retiradas da Alfandega. O serviço da montagem foi iniciado, sob a direção do habilíssimo mecânico norte-americano, Sr. Alfredo Walderrama, da *Mergenthaler Linotyp Co.*, de New-York.

Hoje terão começo os trabalhos de habilitação dos linotipistas, que serão os operários que até hoje nos têm acompanhado com dedicação na feitura de nossa folha.

A inauguração do serviço terá lugar dentro de duas semanas, e nesse dia, serão expostas ao público as nossas máquinas, com as quais pretendemos dar uma nova feição ao *Jornal do Comércio* (A EVOLUÇÃO, 1912, p. 1).

Os avanços também podiam ser percebidos na nova composição do quadro de trabalhadores especializados, já que os jornais puderam contar com a presença de linotipistas e gráficos estrangeiros atraídos para a região em meio ao fluxo imigratório europeu que então se estabeleceu. Assim, artistas gráficos como o português Tércio Miranda ou os espanhóis Joaquim Azpilicueta e Fernandez Varela juntaram-se aos nacionais na tarefa de empregar maior qualidade gráfica aos impressos, ajudando a imprensa amazonense a adquirir um melhor padrão de qualidade editorial.

Como têm demonstrado os estudos recentes (CALIRI, 2014; PINHEIRO, 2015; RIBEIRO, 2014; MENEZES, 2014), no raiar do século XX, a imprensa amazonense atingia o seu ápice, com

uma produção periódica sólida e diversificada em que pontificavam diários de grande circulação, algumas revistas (científicas e ilustradas) e um número substancial de pequenas folhas, com periodicidade variável e de existência efêmera. No conjunto, essa imprensa apresentou um perfil bastante diversificado em relação ao conteúdo programático e linha editorial, dando vazão a jornais humorísticos, literários, operários, religiosos, esportivos, estudantis, femininos, de propaganda, de agremiações políticas e, é claro, das colônias estrangeiras.

Tem sido possível vislumbrar dimensões importantes da sociedade amazonense do período e da vida mundana manauara a partir de sua rica produção periódica, já que essa tem sido capaz de informar um cotidiano citadino preñado de dinamicidade, mas também de tensões e contradições (SOUZA, 2005; SANTOS JUNIOR, 2005). Das festas, saraus, conferências e *soirées* que ganhavam as salas dos teatros, cinemas e cafés, animando frívolas discussões sobre o vestuário feminino, as tensões e os conflitos que permeavam a capital e a sociedade amazonense,²¹ por meio da discussão de temas como a carestia, a fome, a miséria, a indigência e o desemprego, as páginas da imprensa delinearam o quadro complexo da vivência manauara em pleno *boom* da borracha.²²

Seja como for, foi sob esse importante legado trazido pelo periodismo no Amazonas, ao longo da segunda metade do século XIX, que veio juntar-se à imprensa étnica – notadamente de espanhóis – constituída, como mencionado, por jornais produzidos e consumidos no contexto amazonense do início do século XX por membros das *comunidades diaspóricas*²³ que identificaram a região amazônica como seu local de destino.

A imprensa espanhola no Amazonas

De acordo com os dados catalográficos disponíveis (FREIRE, 1990), pode-se afirmar que, no período compreendido entre os anos de 1893 e 1922, foram publicados, na capital amazonense, mais de três dezenas de periódicos ligados a diferentes comunidades diaspóricas, entre nacionais e estrangeiras. Três deles foram produzidos por comunidades de migrantes provenientes de outras áreas do território brasileiro,²⁴ enquanto os demais estavam associados aos estrangeiros radicados no Amazonas.²⁵

Localizamos seis títulos oriundos da colônia espanhola no Amazonas, a saber: *El Hispano-Amazonense* (1901); *La Voz da España* (1901-1907); *Centro Español* (1902-1903); *La Union* (1903); *El Español* (1903) e *El Hispano-Amazonense* (1918-1922). Juntos, conformam uma base documental de fundamental importância para o pesquisador, em que pese seu caráter, por vezes fragmentário e incompleto. Neste sentido, convém lembrar as observações de Marília Dalva Cánovas, para quem:

Há certa unanimidade, entre os autores que buscam referência à imprensa periódica em língua espanhola editada na cidade de São Paulo no período em questão, quanto à dificuldade de localização de séries, e mesmo de exemplares avulsos para a avaliação. A carência nesse campo já era sinalizada por José de Souza Martins em 1989 que, em seu estudo sobre a presença espanhola na formação da força de trabalho na economia cafeeira observa que, dos quinze periódicos de língua espanhola publicados na cidade, no período em pauta, nada mais teria restado. A mesma deficiência é apontada por Elda González Martínez em 1990 que, ao relacionar todos os acervos e fundos por ela pesquisados, no Brasil e no exterior, verificou restarem apenas escassos números... (CÁNOVAS, 2009, p. 55).

Seja como for, tomados como fonte e como objeto de análise, os periódicos da colônia es-

²¹ Assumimos aqui a percepção do espaço urbano enquanto "fenômeno estruturador de relações sociais, de comportamentos individuais e de práticas coletivas específicas e heterogêneas" (NUNES, 2002, p. 12).

²² A imprensa não é portadora de um discurso único ou neutro e não é também mera extensão dos interesses dominantes. Assumindo a perspectiva traçada por Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário Peixoto, pensamos a imprensa como sendo "linguagem constitutiva do social, [que] detém uma historicidade e peculiaridades próprias, e requer ser trabalhada e compreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade, e os movimentos de constituição e instituição do social que esta relação propõe" (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 260).

²³ Usamos aqui o termo tal como empregado nos estudos de Stuart Hall (2009, p. 25-47) e Bella Feldman-Bianco (2010, p. 13-15).

²⁴ São eles: *O Rio Purus* (1891-1897) e *Pátria* (1898-1899), associados à colônia cearense; e o *Colônia Paraense* (1896).

²⁵ Desse total, quinze foram editados por portugueses, seis por espanhóis, três por italianos e dois por árabes, além de títulos alemães, ingleses e norte-americano, entre outros (FREIRE, 1990).

panhola em Manaus não apenas fornecem uma riqueza informativa acerca daquela comunidade na capital amazonense, como também revelam suas matizes e singularidades. Nesse sentido, uma primeira observação a ser formulada é a de que, ao contrário da colônia portuguesa que, em certa medida, era percebida e descrita como unida e bem-organizada, a espanhola apresentava uma realidade diferenciada nos primórdios de sua instalação, enfrentando problemas internos que muito dificultaram sua organização e coesão (SIMÕES, 1917; BENCHIMOL, 1999).

Um dos problemas mais graves e que repercutiu nos periódicos por toda a primeira década do século XX, tinha a ver, como já mencionamos, com a falta de representatividade sentida pelos membros da colônia, já que essa não dispunha, em Manaus, de um órgão formal a quem pudessem recorrer e que pudesse defender pontualmente os interesses da colônia frente às autoridades locais.²⁶ O periódico *La Voz de España* dizia ser "sensible que nuestros compatriotas ausentes no encuentren en los representantes de España, el apoyo y sus facilidades que constituyen la parte mas elemental del cometido consular" (LOS ESPAÑOLES, 1906, p. 1).

Com efeito, desde a primeira metade do século XIX, a Espanha havia estabelecido uma representação diplomática na Amazônia com a abertura de um consulado em Belém. Somente na virada do século, com a expansão da atividade econômica ligada à borracha, é que se inaugurou um vice-consulado em Manaus, que, no entanto, funcionou precariamente, amargando, muitas vezes, a falta de designação de um encarregado, o que desagradava sensivelmente a comunidade radicada na capital amazonense.

O mesmo acontecia quando a nomeação recaía em indivíduos que não demonstravam ter a

menor identificação com a colônia, como ocorreu em 1906, quando da nomeação de F. N. Petter. De imediato, parte da comunidade se viu mobilizada pela *Sociedad Unión Española* que conclamava seus conterrâneos para reuniões visando reverter aquela nomeação (LA SOCIEDAD..., 1905, p. 2). O inconformismo ganhou as páginas dos periódicos locais e também de jornais na própria Espanha, como foi o caso do *Faro de Vigo* que fez publicar, em primeira página, matéria sobre "*Los Españoles en Manaus*" (1906, p. 1).²⁷ O jornal repercutia as queixas de seus conterrâneos em solo amazonense, recebidas na Galiza por intermédio de dezenas de cartas que colocavam em xeque a idoneidade do vice-cônsul da Espanha em Manaus, além de denunciarem seu descaso e omissão frente aos problemas da comunidade. O impasse teve como desfecho o afastamento de F. N. Petter pelo governador do Estado.²⁸

Também foram comuns as querelas entre patricios, principalmente quando envolviam pessoas que tencionavam destacar-se como lideranças no seio da comunidade e falar em seu nome. Exemplo maior de tais entreveros, foram os ocorridos entre o gráfico e jornalista Joaquim Azpilicueta e o comerciante Julio Minuesa Merchan, vinculado a diversas associações beneficentes e repatriadoras e fundador de vários jornais na cidade como os *El Hispano-Amazonense*, *La Voz de España*, *Centro Español* e o *El Hispano-Amazonense*. Enquanto Azpilicueta expressava-se por meio de sua coluna "Cosas de España", no mais importante diário local, o *Jornal do Comércio*, utilizando-se do pseudônimo *Navarro de Pamplona*, Merchan se pronunciava por meio dos periódicos que editava ou por intermédio de panfletos – encartados em seus jornais –, assinando como *El Madrileño de Vallecas*.²⁹

²⁶ Não sem razão, Maria Antonieta Antonacci argumenta que os imigrantes espanhóis no Brasil se afiguram como duplamente "estrangeiros", já que não contavam com o amparo legal do governo espanhol por meio de suas representações diplomáticas. Uma vez no Brasil, eram tratados como excluídos, "por serem pobres, trabalhadores, pessoas comuns, como milhares de outros imigrantes e brasileiros de nascimento, considerados 'cidadãos de segunda classe...'" (ANTONACCI, 2000, p. 138).

²⁷ A matéria veiculada pelo jornal espanhol era datada de 24 de junho de 1906.

²⁸ "Secretaria de Governo – De ordem do Exmo. Sr. Governador do Estado, faço público para conhecimento dos interessados que, segundo a comunicação contida em aviso nº 8, de 5 de outubro do ano passado, do Exmo. Sr. Ministro das Relações Exteriores acha-se encarregado da gerencia do Vice-Consulado de Espanha nesta cidade Sr. F. N. Petter, ficando sem efeito o edital de 14 de fevereiro do corrente ano, que o reconheceu como Vice-cônsul d'aquela Nação nesta capital. Secretaria do Estado, em Manaus 23 de abril de 1906 – Manoel de Sá Antunes" (SIN COMENTARIO, 1906, p. 3).

²⁹ Os periódicos espanhóis eram vendidos "*en todos los kiosques y varios puestos, de compatriotas, en el Mercado*" (LOCALES, 1901, p. 1).

Uma vez deslocados para a Amazônia, muitos espanhóis transpuseram aquelas tensões e conflitos para o outro lado do Atlântico, fazendo com que a comunidade fosse, pouco a pouco, adquirindo fama de desunida e turbulenta. Pode-se aferir tal situação pelas diversas matérias veiculadas na imprensa amazonense do período. Em uma delas, publicada em junho de 1905 pelo *Jornal do Comércio* e explicitamente dirigida aos integrantes da comunidade espanhola, denunciava-se a escalada de violências no interior daquela comunidade, informando que "nesta luta terrível entre os seus patricios... tem havido assassinatos nas esquinas e envenenamentos no meio da rua; navalhadas à luz do sol e tiros à meia noite..." (NOTAS... 1905, p. 1).

Conclusão

Em retrospecto, é possível supor que entre os fatores que motivavam a criação de uma imprensa de imigrantes no Amazonas estava o desejo de manter vivo os vínculos identitários, tornando fundamental a tarefa de aproximar cada vez mais a colônia aos temas e às questões que animavam, indistintamente, espanhóis daquém e dalém mar. Em Manaus, o *La Voz de España* publicava regularmente duas colunas – "Noticias de España" e "España Cosas" –, que eram constantemente repercutidas pelos leitores do jornal. Em ambas, a preocupação central era inteirar a colônia amazonense do que se passava em seu país natal, compromisso que, de resto, já aparecera no programa do próprio jornal:

Por eso es que al abrigar la idea de la fundación de un órgano español en esta capital no fue otra nuestra intención sino la de procurar por medio de él progreso de su Colonia hermanando a todos, defendiéndola ao mismo tiempo de todo y cualquier abuso que por desgracia pueda sufrir; poniéndola también al corriente del movimiento administrativo e comercial de nuestra querida Patria.

La Voz de España, éste es su nombre, vendrá ser para los miembros de la colonia en general; y de causo en particular. Será la inmensa luna en cuyo fondo se verá desfilan la imagen de todas las conciencias, de todos los pensamientos y todas las opiniones. Ella será lo centinela avanzada de su colonia. Sus columnas estarán á disposición de todos los españoles sin distinción de clases ó sectas, siempre que sus

escritos sean en provecho de la Patria ó para defensa de sus intereses (NUESTRO, 1901, p. 1).

Além da preocupação em divulgar questões atinentes aos acontecimentos ocorridos em seu país, também era preocupação do periódico levar ao seu público informações relacionadas às demais colônias espanholas espalhadas pela Amazônia, pelo Brasil e por outras partes do mundo. Através de artigos sequenciais – "Por el Peru", "Peru" e "Iquitos" –, o *La Voz de España* demonstrava o interesse em estreitar os laços com os patricios residentes naquela república vizinha e também de origem hispânica. Em um desses artigos, comentava:

Sabido es, que tanto en Iquitos, como en los ríos a que antes nos referimos, existen grandes establecimientos comerciales de propiedad española y todo lo que se refiere á nuestros paisanos siempre tuvo para nosotros especial predilección...

Además, como es natural, la viagem do editor á Iquitosl traerá detalles del desarrollo y progreso de la república peruana, la cual hay que reconocer, ha entrado en un periodo de buena administración, que la conducirá a ocupar en el mundo político e industrial, el sitio que realmente la corresponde.

Grandes y harto conocidas son las relaciones de amistad que unen a España con el Perú, así como las que particularmente tenemos nosotros con muchos peruanos, así pues, gran satisfacción nos tiene que causar su engrandecimiento y prosperidad (VIAJE..., 1907, p. 1).

Tratava-se, portanto, de estabelecer um elemento de ligação e de mediação que viabilizasse a adequada circulação de informação, produzindo um diálogo contínuo entre sujeitos sociais que, embora vivessem e atuassem apartados geograficamente, irmanavam-se em uma comunidade de sentido, que fincava suas raízes não apenas em uma origem geográfica comum, mas, também, em uma língua e em uma cultura plural, cuidadosamente valorizadas e acalentadas como fiadoras legítimas da nacionalidade espanhola.

Por fim, cabe salientar que, atuando em redes, os jornais das colônias espanholas espalhadas pelo mundo acabaram funcionando como verdadeiros *portos flutuantes* – para usar a bela expressão de Benjamin Abdala Jr e Marli Scar-

PELLI – buscando “[...] ancoragem em terceiras margens simbólicas, onde costumam florescer processos interativos e reversíveis de línguas e conhecimentos, de convívio entre diferenças culturais, mesmo as aparentemente mais irreduzíveis” (ABDALA JÚNIOR; SCARPELLI, 2004, p. 11).

Referências

A CARIDADE. Manaus, 17 dez. 1893. Número único.

A EVOLUÇÃO da imprensa. *Jornal do Comércio*, Manaus, ano 9, n. 2923, p.1, 9 jun. 1912.

A GREVE dos lixeiros. *Jornal do Comércio*, Manaus, ano 5, n. 1588, p. 1, 24 ago. 1908.

ABDALA JÚNIOR, Benjamim; SCARPELLI, Marli Fantini (org.). *Portos Flutuantes: trânsitos ibero-afro-americanos*. Cotia, SP: Atelier Editorial, 2004.

ANTONACCI, Maria Antonieta. Espanhóis em São Paulo: recuperando uma imigração silenciada, *Cadernos CERU*, Série 2, n. 11, p. 135-145, 2000.

ARAUJO, André Vidal de. *Sociologia de Manaus: aspectos de sua aculturação*. Manaus: Ed. Fundação Cultural do Amazonas, 1974.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. Manaus: Editora Valer, 1999.

BURNS, Bradford. *Manaus, 1910: retrato de uma cidade em expansão*. Manaus: Imprensa Oficial, 1966.

CALIRI, Jordana Coutinho. *Folhas da província: a Imprensa amazonense durante o Período Imperial, 1851-1889*. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH/UFAM, Manaus, 2014.

CAMPOS, Hermenegildo de. *Climatologia Médica do Estado do Amazonas*. Manaus: Associação Comercial do Amazonas/Fundo Editorial, 1988.

CÁNOVAS, Marília Dalva. *Imigrantes espanhóis na pauliceia: trabalho e sociabilidade urbana (1890-1922)*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2009.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

DIARIOS. *La Voz de España*, Manaus, ano 4, n. 34, p.1, 15 ago. 1907.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a Serviço do Progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 83-102.

ESPAÑHOLA Valiente. *Jornal do Comércio*, Manaus, ano 5, n. 1532, p.1, 29. jun. 1908.

EXPOSICIONES, *El-Hispano-Amazonense*, Manaus, ano 4, n. 158, p. 1. 4 jun. 1921.

Faria e Souza, João Baptista de, SOUZA, A. Monteiro de; BAHIA, Alcides. *A Imprensa no Amazonas, 1851-1908*. Manaus: Tipografia da Imprensa Oficial, 1908.

FELDMAN-BIANCO, Bela. *Nações e diásporas: estudos comparativos entre Brasil e Portugal*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

Freire, José Ribamar Bessa (coord.). *Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950) - Catálogo de Jornais*. Manaus: Editora Calderaro, 1990.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HARDMAN, Francisco Foot. *Trem Fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

HEBETE, Jean (org.). *O Cerco está se fechando: o impacto do grande capital na Amazônia*. Belém: FASE, 1991.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios, 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

IANNI, Octavio. *Colonização e contrarreforma agrária na Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1979.

LA SOCIEDAD La Unión Española. *Jornal do Comércio*, Manaus, ano 2, n. 462, p. 2, 15 jun. 1905.

LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. *Soldados da borracha: das vivências do passado às lutas contemporâneas*. Manaus: Valer/FAPEAM, 2014.

LOCALES. *La Voz de España*, Manaus, ano 1, n. 4, p.1, 15 ago. 1901.

LOS ESPAÑOLES en Manáos. *La Voz de España*, Manaus, ano 3, n. 16, p. 1, 19 set. 1906.

LOUREIRO, Antônio José Souto. *A grande crise (1908-1916)*. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1986.

LUCA, Tania Regina de; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Impresas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-153.

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (org.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1996.

MARTÍNEZ, Elda González. Los inmigrantes escogidos: los pequeños propietarios españoles en la Amazonia brasileña. *Anuário Americanista Europeo*, Madri, Espanha, n. 3, p. 1-12, 2005.

MENEZES, Bianca Sotero. *Imprensa e gênero: A condição feminina e as representações da mulher amazonense (1850-1889)*. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH/UFAM, Manaus, 2014.

NOTAS de um teimoso. *Jornal do Comércio*, Manaus, ano 2, n. 473, p. 1, 28 jun. 1905.

NUESTRA primera capaña. *La Voz de España*, Manaus, ano 1, n. 3, p.1, 20 jan. 1901.

NUESTRO programa. *La Voz de España*, Manaus, ano 1, n. 1, p.1, 6 jan. 1901.

NUNES, Brasilmar Ferreira. Urbanização e migrações: reflexões gerais para auxiliar a interpretação do fenômeno no Brasil. In: Centro Scalabriano de Estudos Migratório (org.). *Migrações e situações de fronteira*. Brasília: CSEM, 2002. p. 11-21.

OS OPERÁRIOS hespanhoes. *Jornal do Comércio*, Manaus, ano 6, n. 1776, p. 1, 3 mar. 1909.

PHILLIPS JUNIOR, William; PHILLIPS, Carla Rahn. *História concisa da Espanha*. São Paulo: Edipro, 2015.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)*. Manaus: Edua, 2015.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Imigração e Imprensa Espanhola em Manaus. In: PINHEIRO, Luis Balkar S. P. (org.). *Imprensa e Sociedade na Amazônia, 1870-1930*. Curitiba: CRV, 2017. p. 183-209.

RIBEIRO, Priscila Daniele Tavares. *Do burgo podre ao "Leão do Norte": O Jornal do Comércio e a modernidade em Manaus (1904-1914)*. 2014. Dissertação (Mestrado). Em História) – PPGH/UFAM, Manaus, 2014.

SANTOS JÚNIOR, Paulo Marreiro. *Criminalização e práticas populares em Manaus, 1906-1917*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – PUC-SP, São Paulo, 2005.

SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia, 1800-1920*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

SECRETO, Maria Verônica. *Soldados da borracha: Trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas*. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, 2007.

SIMÕES, Veiga. *Daquem & Dalem Mar*. 2. ed. Manaus: Tip. Da Livraria Palais Royal, 1917.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Leno José Barata. Imigrações estrangeiras para a *belle époque* amazônica a bordo da *Ligure Brasileira*: histórias, mitos e utopias. *Revista Labirinto*, Porto Velho, RO, v. 28, n. 1, p. 107-128, 2018.

SOUZA, Leno José Barata. *Vivência popular na imprensa amazonense: Manaus da Borracha (1908-1917)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – PUC-SP, São Paulo, 2005.

TELES, Luciano Everton Costa. *A vida operária em Manaus: Imprensa e mundos do trabalho (1920)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – PPGH/UFAM, Manaus, 2008.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

TRUZZI, Oswaldo; MATOS, Maria Izilda. Saudades: sensibilidades no epistolário de e/imigrantes portugueses (Portugal-Brasil) 1890-1930. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 35, n. 70, p. 258-277, 2015.

UNÁMONOS. *La Voz de España*, Manaus, ano 1, n. 1, p.1, 6 jan. 1901.

VÁRIAS. *Jornal do Comércio*, Manaus, ano 11, n. 3645, p. 2, 29 jun. 1914.

VIAJE de propaganda, *La Voz de España*, Manaus, ano 4, n. 34, p. 1, 15 ago. 1907.

VILLEROY, Augusto Ximeno. Como se deve povoar o solo amazônico. In: MIRANDA, Bertino (org.). *Annaes do Congresso Comercial, Industrial e Agrícola*. Manaus: Palais Royal, 1911. p. 17-26.

Maria Luiza Ugarte Pinheiro

Professora Associada da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), atuando no Programa de Pós-Graduação em História. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. Autora de diversos artigos e livros, com destaque para *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925)*; *Folhas do Norte: Letramento e periodismo no Amazonas (1880-1920)*; *Gênero & Imprensa na história do Amazonas e Mundos do trabalho na cidade da borracha: trabalhadores, lideranças, associações e greves operárias em Manaus (1880-1930)*, este último em parceria com Luis Balkar Pinheiro.

Endereço para correspondência

Maria Luiza Ugarte Pinheiro

Universidade Federal do Amazonas

Av. Tóquio, 160, Bloco Babaçu, ap. 302

Planalto, 69045-200

Manaus, AM, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação da autora antes da publicação.